

OS CLÁSSICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: O (EN)CANTO DO SONHO LOUCO DE DOM QUIXOTE E SUAS POSSIBILIDADES DE INTERPRETAÇÃO

Mariana Morales da Silva¹
Soraya Maria Romano Pacífico²

Resumo

Este trabalho traz experiências de leituras da obra de Dom Quixote, Miguel de Cervantes, durante a realização de estágio curricular supervisionado, do curso de Pedagogia, FFCLRP-USP. O estágio ocorreu em sala de 3º ano, do Ensino Fundamental, em uma escola pública de Ribeirão Preto-SP. A aplicação do projeto de Língua Portuguesa, *O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote e suas múltiplas possibilidades*, teve duração de 10 horas, em cinco dias. Nossa prática fundamentou-se teoricamente na Análise do Discurso francesa e na Teoria Semiótica Greimasiana. Foi apresentada a obra, o autor, seu contexto; os alunos compararam a obra original com duas adaptações, uma infantil, outra em literatura de cordel. Também trabalharam a interpretação das músicas intituladas *Dom Quixote*, de Maria Rita e do grupo Engenheiros do Hawaii. Como resultado, foi construído um livro produzido pelos alunos com o tema: Dom Quixote nos tempos atuais. Este trabalho demonstra que é possível analisar obras literárias, como Dom Quixote, com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental e possibilitar-lhes gestos de interpretação muito além de uma leitura repetitiva, como é proposta em vários materiais didáticos.

Palavras-chave: Leitura. Interpretação. Autoria.

Abstract

This paper presents the experiences of reading the work of Don Quixote, Miguel de Cervantes, during the performance of supervised probation, the Faculty of Education, FFCLRP-USP. The stage was on a public school, with students from 3rd grade of elementary school. The implementation of the project of Portuguese, *O (n) corner of the crazy dream of Don Quixote and its multiple possibilities*, lasted 10 hours, divided into five days. Our practice was based on theoretical French Discourse Analysis and Theory Semiotics greimasian. It was presented the book, the author, its context; students compared the original work with two adjustments, one child and another in the cordel literature. They also worked with the interpretation of the song titles from Don Quixote, by Maria Rita and the group Engineers of Hawaii. As a result, we built a book produced by students with the theme: Don Quixote in modern times. This work demonstrates that it is possible to analyze literary works, like Don Quixote, with students from 3rd grade of elementary school and allow them interpretative gestures beyond a repetitive reading, as is proposed in several textbooks.

Key-words: Reading. Interpretation. Authorship.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, da FFCLRP da Universidade de São Paulo – USP. Contato: marianamoralesdasilva@gmail.com

² Docente do curso de Pedagogia e dos cursos de Pós-Graduação em Educação e de Pós-Graduação em Psicologia, da FFCLRP da Universidade de São Paulo - USP. Contato: smrpacifico@ffclrp.usp.br

Introdução

Sem dúvida foi [no] descompasso entre o sonho de Dom Quixote e a dura realidade de seu tempo que Cervantes se apoiou para satirizar os desmandos da Espanha Imperial e injusta, em que ele próprio vivia. Mas sua genialidade de escritor ultrapassou esse objetivo imediato e a novela, que ele teria escrito como sátira à Espanha barroca de sua época, transformou-se em algo universal. As aventuras de Dom Quixote de La Mancha eternizou-se no tempo como uma das grandes alegorias da condição humana: a visão do ser humano sempre no encaixo de seu 'objeto desejado' e sempre impedido de conquista-lo plenamente.

Talvez a lição que Cervantes nos dá com seu idealista/patético Quixote é que a vida vale pela luta de cada um para realização de um sonho. O resultado, positivo ou negativo, é algo secundário. (COELHO, 2010)

A professora de Literatura Infantil da Universidade de São Paulo, crítica literária e escritora, Nelly Novaes Coelho, explica-nos de forma interessante a razão da obra literária *Dom Quixote* ter se tornado um clássico da literatura não só espanhola, mas também, universal, e, assim, apresenta-nos uma interpretação de sentidos para nosso cavaleiro andante. Foi em busca de apresentar este mágico personagem a crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, que encontramos, nos gestos de interpretação de cada aluno, os possíveis sentidos dessa obra clássica, na visão infantil. É sobre esta experiência de Estágio Curricular Supervisionado, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP), que discorreremos a seguir.

Apresentamos aos alunos experiências de leituras da obra de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, durante a realização de estágio vinculado à disciplina Ação Pedagógica Integrada: Ensino Fundamental I (API-I), com orientação e supervisão da Profª. Drª. Elaine Sampaio Araújo, da Profª. Drª. Soraya Maria Romano Pacífico e da educadora Delma Bezerra. O estágio tem caráter de intervenção nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática.

Para este trabalho serão explicitadas as experiências do projeto de Língua Portuguesa que teve orientação da Profª. Drª. Soraya Maria Romano Pacífico e participação da aluna Gabriela Paula Branco dos Santos, como dupla de estágio. O estágio foi realizado em uma escola municipal de Ribeirão Preto - SP, em uma sala de 3º ano do Ensino Fundamental, com 28 alunos de 8 e 9 anos de idade, e a aplicação do projeto de Língua Portuguesa intitulado *O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote e suas múltiplas possibilidades*, teve duração de 10 horas, divididas em 5 dias.

O estágio teve supervisão e orientação na disciplina API-I, com fundamentação teórica estudada na disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e subsídios da disciplina Escrita, Alfabetização e Letramento: uma abordagem histórica, ambas ministradas pela Profª. Drª. Soraya Maria Romano Pacífico.

Dom Quixote: um cavaleiro analisado a partir da Análise do Discurso francesa e da Semiótica greimasiana

Trabalhar com o clássico da literatura *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, foi uma decisão inspirada no estudo do texto de Bragatto Filho (1995), que defende o uso de textos literários na escola e não o uso de textos tidos como pretexto para se estudar gramática. O autor analisa os textos literários e os procedimentos de estudo referentes a eles nas escolas, e constata que se tem tomado os diversos textos, sejam eles científicos, jornalísticos, literários, poéticos, unicamente, para estudo de conteúdos previstos para serem estudados em Língua Portuguesa, em determinado período escolar, colocando a análise e o estudo do próprio texto literário à margem dos estudos propostos para essa disciplina.

Assim, no projeto *Dom Quixote*, visou-se a ter a obra como instrumento de estudo para análise do próprio texto, a fim de que os alunos, das séries iniciais do Ensino Fundamental, tivessem contato com a literariedade do texto, seus sentidos múltiplos, seus “espaços vazados”. O autor (idem) também ressalta a importância de se trabalhar, nas escolas, o que ele denomina de “textos abertos”. Para Bragatto Filho, os textos abertos são aqueles que permitem ao leitor participar da leitura, da interpretação dos sentidos, possibilitando-lhe construir o processo de significação do texto.

Embebidas nessa fundamentação, procuramos permitir aos alunos, por meio de análises de adaptações da obra e estudos de diferentes interpretações da mesma, que eles assumissem a posição de sujeitos-leitores e de sujeitos-autores, em outras palavras e em diálogo com Pacífico (2002), que os alunos ocupassem a posição discursiva de autor. Para alcançar esses propósitos e fundamentar nossa prática, decidimos estabelecer um diálogo entre a Teoria Semiótica Greimasiana e a Análise do Discurso pecheutiana. Também, mobilizamos o conceito de autoria tal qual proposto por Orlandi (1993; 1996) e Pacífico (2002). Essa fundamentação teórica sustentou uma metodologia que julgamos adequada para ampliar as possibilidades de leituras dos alunos, pois apesar de a teoria discursiva e a teoria semiótica apresentarem pontos divergentes, elas concebem o sentido em construção, defendem que as análises dos textos devem considerar a exterioridade constitutiva da linguagem; logo, as palavras não podem ser lidas como se estivessem coladas ao texto, presas a ele, pois o sentido sempre pode vir a ser outro, dependendo do contexto sócio-histórico, da ideologia, enfim, das condições de produção do discurso.

O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote: Fundamentação Teórica e Metodologia

Tanta gente se esconde do sonho com medo de sofrer
Tanta gente se esquece que é preciso viver
Combater moinhos, caminhar entre o medo e o prazer
Somos todos na vida, qualquer um de nós
Vilões e heróis, vilões e heróis.
(*Dom Quixote*, Maria Rita.)

Como a aplicação do Projeto de Intervenção de Estágio teve duração de 10 horas, ele foi dividido em 5 dias, com aulas de 1 hora e meia a 2 horas e meia. Ao longo dos primeiros quatro dias de aplicação do projeto, foram realizadas propostas com o intuito de possibilitar o acesso dos alunos ao arquivo, entendido, de acordo com Pêcheux (1997) como um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma dada questão. Nosso objetivo era de que os alunos tivessem acesso a sentidos construídos sobre o tema, ou seja, a obras produzidas sobre *Dom Quixote*, a paródias, textos musicais, enfim, para que os alunos, no quinto dia, tivessem acesso aos vários sentidos a esse respeito e, com isso,

condições para realizarem a proposta final, a qual resultou em um livro produzido pelos alunos do 3º ano, com texto visual e texto verbal, a partir das leituras das obras que mantinham um diálogo intertextual com a obra de Cervantes. O tema do livro foi Dom Quixote nos tempos atuais.

Na primeira aula, oportunizamos aos alunos conhecer um pouco da história de *Dom Quixote*, quem ele era (Alonso Quijano) e como se tornou o cavaleiro Dom Quixote. Realizando uma leitura baseada na teoria semiótica, os alunos detiveram-se na palavra “cavaleiro” e foi a partir dela que os incentivamos a caracterizarem a personagem. Também apresentamos o autor da obra, Miguel de Cervantes, e o contexto de criação da obra; com isso, os alunos perceberam que o contexto histórico influencia na criação literária.

Os alunos puderam comparar a obra mais próxima à obra original com duas adaptações, uma infantil (*Dom Quixote*, da coleção Reencontro Infantil, adaptação de José Angeli) e outra em forma de cordel (*Dom Quixote em cordel*, adaptação de J. Borges), objetivando a investigação da função das adaptações e verificação das “pistas” que os livros nos fornecem quanto aos sentidos ali construídos e para quem a obra se dirige, questões que devem ser levadas em conta no ato da leitura.

Os alunos analisaram os aspectos externos das obras, como o título; analisaram se, pelo fato de elas apresentarem o mesmo título, a história também era a mesma, e então, refletiram sobre a relação de coesão existente entre título e obra. Verificaram o nome dos autores, constatando que todas as obras partiram da história de Cervantes, mas que as adaptações eram de outros autores; começaram a questionar o sentido e a função de uma adaptação.

Eles analisaram as capas de cada livro, o formato, o tamanho, quantidade de páginas, gravuras e letras. Por meio dessa análise, os alunos foram percebendo que o livro pode nos dar pistas sobre a construção dos sentidos, sobre o público a quem é destinado, a época de criação da obra. Com base na teoria semiótica greimasiana, fomos instigando os alunos a observarem o “percurso gerativo de sentido” dos textos e essa forma de interpretar despertou-lhes muito interesse pela leitura, visto que eles queriam comparar as versões de Dom Quixote lidas, observar as semelhanças e as diferenças das atitudes das personagens, a linguagem usada em cada livro, e a partir das análises os alunos emitiam opiniões sobre os livros, demonstrando que a leitura tinha significado para eles, que não se restringia a uma tarefa escolar de decodificação de palavras, como muitas vezes ocorre nas salas de aula.

Segundo Greimas (1977), o sentido dos textos é construído a partir de um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Em poucas palavras, esse percurso pode ser assim entendido: há um primeiro nível, chamado fundamental, no qual se considera a oposição semântica de valores que circulam no texto. O segundo nível, denominado narrativo, apresenta a narrativa organizada sob o ponto de vista de um sujeito. O terceiro nível, o discursivo, é o mais superficial do percurso gerativo, posto que está mais próximo da manifestação textual. Nessa etapa, são analisadas as projeções da enunciação e do texto enunciado, responsáveis pela produção e pela comunicação do discurso e também as relações entre enunciador e enunciatário.

Com base nesse percurso gerativo de sentido, e por meio da leitura de recortes da Batalha contra os Moinhos de Vento, nas três obras, os alunos analisaram a linguagem de cada obra e chegaram à conclusão de que é necessário fazer adaptações para a divulgação e socialização da obra a fim de torná-la mais próxima de leitores ainda iniciantes, para os quais a obra original poderia não ser acessível, ou, talvez, pouco interessante, dadas as condições de leitura do leitor das séries iniciais.

Ao fim da aula, propusemos um exercício de síntese das análises formuladas, utilizando para isso a produção de cartazes. A sala foi dividida em três grandes grupos, cada um

responsável por ilustrar um livro. Como a discussão foi escrita na lousa, a atividade consistiu em cópia; porém, pode-se afirmar que os alunos foram autores de seus cartazes, pois foram eles que materializaram a discussão, ou seja, observamos a autoria na oralidade, uma vez que eles organizaram o cartaz controlando a dispersão dos sentidos e o que mais chamou nossa atenção foi a assunção da autoria dos alunos para realizar o trabalho. Segundo Tfouni (1995, p.54), “existe, no processo de criação de um texto, um movimento de deriva e dispersão de sentidos que a função-autor pretende controlar”.

Os alunos escreveram o nome de cada membro do grupo no cartaz e um grupo, querendo reafirmar a sua autoria sobre o trabalho, além de escrever os nomes, fez autorretratos com seus respectivos apelidos, em um quadro do cartaz denominado por eles de: “as pessoas que fizeram este trabalho”. Para Orlandi (1993, p. 79):

O que tem faltado, desse ponto de vista, quando se pensam as condições de produção da escrita, na escola, é compreender o processo em que se dá a assunção, por parte do sujeito, de seu papel de autor. Essa assunção implica, segundo o que estamos procurando mostrar, uma inserção (construção) do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social.

Essa afirmação de Orlandi leva-nos a entender que a dificuldade do sujeito para assumir a função de autor está relacionada ao processo de ensino-aprendizagem, que não trabalha com o aluno a função-autor, mas exige dele este posicionamento na construção do texto. Para a produção escrita há uma liberdade vigiada, visto que o sujeito, representado socialmente, sofre uma cobrança maior por aquilo que escreve, pois assume a responsabilidade do seu dizer. Ainda nas palavras de Orlandi (1993, p. 77):

Diríamos que o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem. Sendo a dimensão discursiva do sujeito que está mais determinada pela relação com a exterioridade (contexto sócio-histórico) ela está mais submetida às regras das instituições. Nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares.

Analisando a autoria em textos argumentativos, Pacífico (2002) aponta que, tanto o texto argumentativo quanto a autoria reivindicam determinadas condições para que aconteçam, condições estas que, para a autora, dependem das possibilidades de interpretação do sujeito e não apenas de leitura. Segundo ela, se o sujeito teve acesso à interpretação e não somente à leitura de textos, este sujeito foi construindo uma história sobre o processo de construção de sentidos e poderá, com essa história, engajar-se no processo que engloba a interpretação, a produção de textos e, conseqüentemente, a autoria.

Com base nessa concepção de autoria, demos seqüência à nossa intervenção. Assim, na segunda aula, retomamos, brevemente, o que havia sido discutido, anteriormente. Em todas as aulas fizemos este movimento de retomada dos sentidos produzidos, pois consideramos este movimento interessante para verificar como os alunos empregam o que foi estudado, sendo possível a retomada dos conteúdos que, talvez, não foram compreendidos no primeiro momento. No caso, enfatizamos o trabalho com a autoria.

A seguir, focamos as personagens Dom Quixote e Sancho Pança, segundo leitura dos recortes que apresentam as duas personagens na adaptação infantil e as imagens das personagens na ilustração de capa da mesma adaptação. Os alunos levantaram as características físicas e psicológicas da dupla, compararam-nas, atribuíram adjetivos e

realizaram uma relação de sinonímia e antonímia para os adjetivos levantados, realizando uma ponte com o trabalho que a professora da sala estava realizando, antes da aplicação do nosso projeto. Analisando dessa forma as personagens, percebendo-as individualmente e comparando-as em seguida, em dois aspectos, os alunos conseguiram realizar uma análise das personagens como figuras representando temas da obra (BARROS, 1990), ou seja, puderam investigar a função de cada uma na obra. Concluíram que Dom Quixote representa o tema da imaginação, o do sonhador e que Sancho Pança representa o tema do realista e das condutas socialmente aceitas.

Com base nessa atividade, os alunos foram atribuindo os adjetivos às personagens e chegaram a uma construção de sentido que não estava predeterminada, como as respostas do livro didático. E começaram a questionar se Dom Quixote era mesmo louco como tem fama, pois perceberam que em meio à sua imaginação, Sancho Pança sempre tentava trazê-lo à realidade e foi por esse ponto que se iniciou a defesa da sala na fértil imaginação da personagem, ainda não em um nível de loucura.

Na terceira aula, trabalhamos com a noção de texto aberto (BRAGATTO FILHO, 1995), aquele que permite o posicionamento do leitor, a sua participação na construção da personagem através da interpretação. Por meio da análise das músicas intituladas *Dom Quixote*, da cantora Maria Rita e do grupo, Engenheiros do Hawaii, possibilitamos aos alunos compreender a noção dos diversos sentidos possíveis de uma obra. Perceberam que o sentido, a significação que o leitor atribui, ou constrói para o texto, também contribui para a produção da obra. Trabalhamos tendo em vista o leitor como atuante e participativo no processo de significação do texto. E, novamente, abordamos a noção de coerência existente entre título e obra, ou seja, os alunos perceberam novamente que o título sendo o mesmo, logo o tema seria o mesmo; entretanto, eles notaram que os sentidos dados ao tema divergiam e que aí consistia a interpretação, a subjetividade do leitor perante o assunto.

Na quarta aula, apoiadas na Teoria Semiótica Greimasiana, objetivamos trabalhar com a análise dos temas que perpassam a obra. Trabalhamos com os alunos um tema que julgamos nortear toda a obra que é o conflito loucura x imaginação/sonho e, a partir deste tema, sugerimos outro conflito que é velhice x infância, analisando o que é permitido a uma criança e que é negado ao idoso, relacionando o ato realizado proibido com a loucura. Percebemos que os alunos, para pensarem a questão proposta, de um tema complexo e abstrato, fazem uso do concreto próximo (TFOUNI, 1995/2006), ou seja, buscam em sua realidade situações que possam estar relacionadas ao tema, defendendo ou contrapondo um ponto de vista.

Notamos, aqui, um gesto de interpretação muito interessante, qual seja: que, para a mesma situação resgatada do concreto próximo dos alunos, uma referente a um conhecido não muito próximo e outra situação muito semelhante de um conhecido familiar, como os avós, por exemplo, os sentidos atribuídos são diferentes. Podemos exemplificar: o vizinho idoso em dada situação de proibição (que seria normal a uma criança, como brincar de boneca) é louco, porém o avô, na mesma situação não é louco. Então, percebemos que para defender ou contrapor uma ideia, os alunos buscaram figuras de sua realidade e que o fator afetividade tem grande influência nas argumentações.

A partir dessa discussão, surgiu entre os alunos o debate sobre asilo e hospício, questionando a razão de se associar loucura à velhice, quando nem sempre loucura vem acompanhada de velhice e que loucura pode ocorrer nas diferentes faixas etárias. Além disso, incentivamos a discussão dos temas imaginação e loucura, o que é aceito socialmente e o que não é. Todos os temas e conflitos discutidos nessa aula foram de grande densidade,

complexidade e abstração; o que provocou nos alunos variados e diferentes resgates de suas memórias.

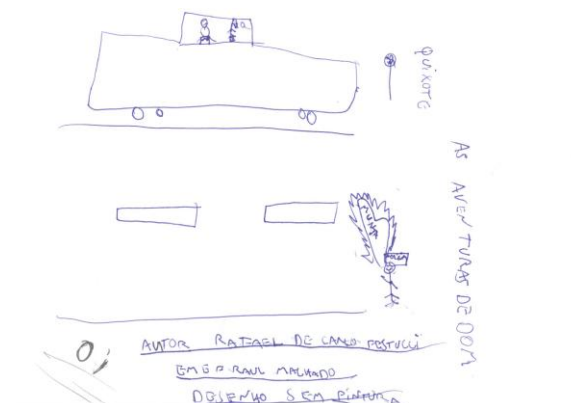
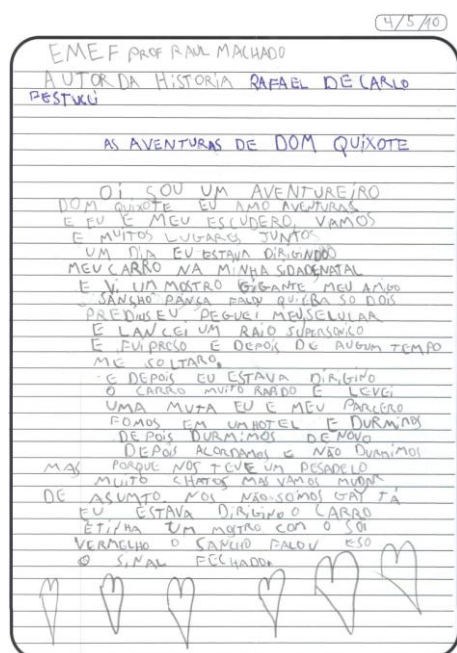
No último dia de aplicação do projeto de Língua Portuguesa, com um arquivo amplo sobre o tema, os alunos foram convidados a criar cada um a sua adaptação de Dom Quixote, construindo para isso um texto visual e um texto verbal, com o tema: Dom Quixote nos tempos atuais. Realizamos uma discussão prévia sobre o que poderia representar os tempos atuais (figuras concretas representando temas) e alguns alunos receberam auxílio para o início da produção textual, papel fundamental do professor. Indagávamos onde seria passada a história, qual a idade de Dom Quixote, quais outras personagens da obra estariam envolvidas nessa nova criação, haveria acréscimo de personagens, como seria a nova aventura.

Análises das produções textuais

Em uma análise geral, percebe-se que os alunos entenderam o sentido da adaptação, ou seja, as personagens Dom Quixote que eles construíram permaneceram com características semelhantes às da obra original (todos os Dom Quixotes tinham imaginação fértil e pelo texto visual, a maioria das personagens era caracterizada como cavaleiro e como herói); todavia, ao mudar o contexto, novos sentidos poderiam ser construídos. Isso explica termos encontrado Dom Quixote em Ribeirão Preto, no shopping, em show de rock, na cidade, na China; Dom Quixote criança, pescador, mecânico, entre outros, e o elemento novo seria a criação de uma nova aventura. Notamos que o ser herói esteve muito presente, assim como os dragões em situações “cabeludas”, as quais só a imaginação é capaz de criar.

A autoria (RODRIGUES; PACÍFICO, 2007) esteve muito presente, muitos alunos criaram a partir do conhecido, tiveram alguma dificuldade para controlar a dispersão e deriva dos sentidos (TFOUNI, 1995/2006), mas observamos que, em muitas redações os alunos conseguiram construir sentidos coesos e coerentes.

A seguir, analisaremos quatro produções a fim de observar como a posição autor foi assumida pelos sujeitos-alunos dessa pesquisa. São elas: *As aventuras de Dom Quixote*, por R. C. F.; *Dom Quixote na Espanha*, por F. V. T.; *Dom Quixote o aventureiro*, por I. C. S. S., e *A história de Amor de Dom Quixote*, por M. E. G. Para cada análise, disponibilizaremos a versão digitalizada da produção escrita, e, também, o texto visual que ilustrava cada redação.



As aventuras de Dom Quixote

Autor: R. C. F.

“Oi sou um aventureiro Dom Quixote eu amo aventuras.

E eu e meu escudero vamos e muitos lugares juntos

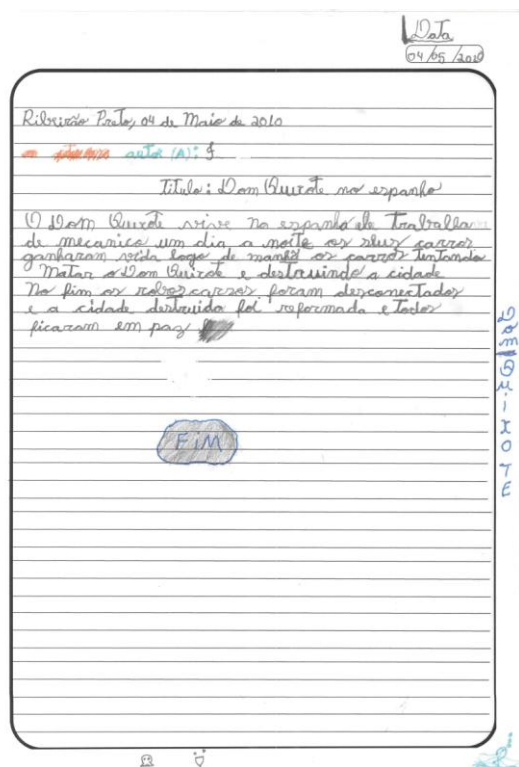
Um dia eu estava dirigindo o meu carro na minha sidadenatal e vi um monstro gigante meu amigo Sancho Pança falou quiera so dois predius eu peguei meu selular e lancei um raios supersonico e fui preso e depois de algum tempo me soltaro.

E depois eu estava dirigindo o carro muito rapido e levei uma muta eu e meu parceiro fomos em um hotel e durmimos depois durmimos de novo depois acordamos e não durmimos mas porque nos teve um pesadelo muito chatos mas vamos mudar de asumto. Nos não somos gay ta. Eu estava dirigindo o carro e tinha um mostro com o soi vermelho o Sancho falou eso o sinal fechado.”

Esta é uma das únicas produções em que vemos a presença de figuras características dos tempos atuais, como prédios, trânsito urbano, celular - um meio de comunicação utilizado como uma arma -, regras da sociedade, tais como: limite de velocidade no trânsito e formas de controle, como multa e prisão. As personagens mantêm suas características originais, Dom Quixote segue com sua fértil imaginação ou devaneios e Sancho Pança, permanece como a figura que representa o retorno à realidade. As personagens continuam formando uma dupla em busca de grandes aventuras.

Este sujeito-autor emprega um tom cômico à sua narrativa, assemelhando-se à comicidade da obra original de Miguel de Cervantes. Ele consegue isso por meio do controle da deriva e da dispersão dos possíveis sentidos indesejáveis ou proibidos ao inserir o comentário “nós não somos gay ta”, antecipando uma possível interpretação equivocada, ou talvez, preconceituosa do leitor.

Análise de *Dom Quixote na Espanha*, por F. V. T.



Dom Quixote na Espanha

Autor: F.V.T.

“O Dom Quixote vive na Espanha ele trabalha de mecânico um dia a noite os seus carros ganharam vida logo de manhã os carros tentaram matar o Dom Quixote e destruindo a cidade

No fim os robôs carros foram desconectados e a cidade destruída foi reformada e todos ficaram em paz.”

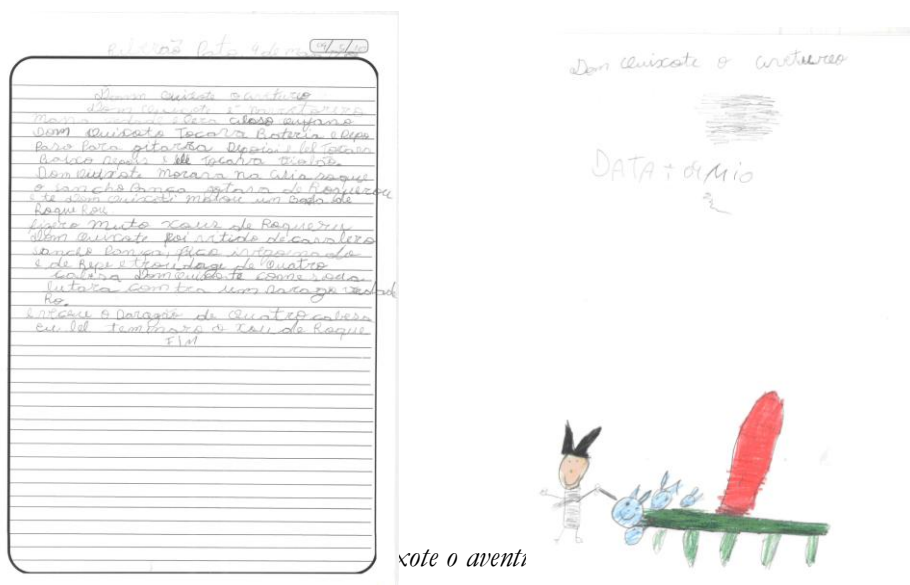
Nesta produção, o sujeito-autor faz uso da intertextualidade com o filme *Transformers*, em que carros e outros objetos de tecnologia eletrônica ganham vida e transformam-se em robôs alienígenas. Para tanto, cria um cenário em que a personagem principal, Dom Quixote, esteja envolvido com estes objetos, assim coloca a personagem em uma oficina mecânica, trabalhando como mecânico.

A situação colocada de carros transformados em robôs encaixa-se nas narrativas de Cervantes como uma situação que apenas a imaginação ou a loucura poderiam criar. Nessa narrativa, vemos o sequenciamento de algumas situações, que dão sentido à narrativa, o que, segundo a semiótica greimasiana caracteriza o percurso gerativo de sentido: primeira situação, Dom Quixote, personagem principal, mecânico; segunda situação: os carros de sua oficina mecânica se transformam em robôs; terceira situação: os robôs-carros partem para destruição da cidade; na quarta situação, vemos um ato heróico: “os robôs-carros foram desconectados”. Aí notamos a abertura para a atuação do professor ao questionar o aluno sobre quem realiza esse ato heróico.

Na relação texto visual-texto verbal, vemos elementos de coesão e coerência, como a presença dos robôs-carros, naves espaciais; já, no texto visual temos uma pista do destino da personagem principal que escapa no texto verbal: Dom Quixote aparece morto e com legenda “Dom Quixote morto”, enunciado que marca o controle do sentido, ou seja, o sujeito-aluno assumiu o lugar de autor ao controlar a possível deriva do sentido.

Surgem, então, questões que o professor pode apresentar para a sala, tais como: Dom Quixote nesta produção não assume a figura de herói? Caso seja esse o sentido que o sujeito-autor queira construir em seu texto, uma modificação verbal resolveria o “furo” de seu texto, ao modificar “os carros tentando matar Dom Quixote” por “os carros mataram Dom Quixote”.

Análise de *Dom Quixote o aventureiro*, por I.C.S.S.



Autora: I.C.S.S.

“Dom Quixote tocava bateria e depois passo para guitarra. Depois ele tocava baixo depois ele tocava violão.

Dom Quixote morava na Ásia soque o Sancho Pança gostava de Roquerou e Dom Quixote montou uma banda de Roquerou.

Fizero muito xous de Roque. Dom Quixote foi vestido de cavaleiro e Sancho Pança fico invergonado.

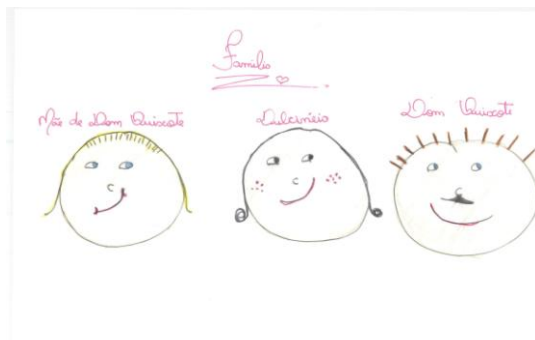
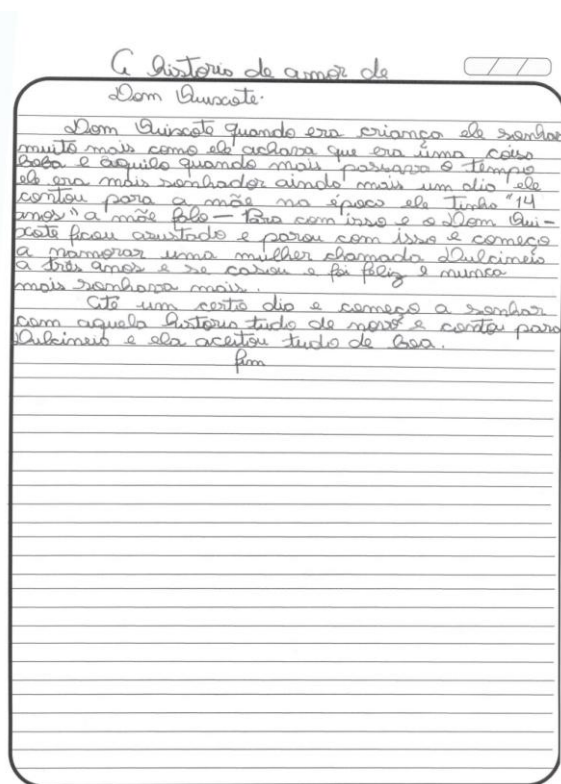
Entrou um dragão de quatro cabesa Dom Quixote comesou a lutar com o dragão.

E venceu o dragão de quatro cabesa e eles terminaram o xou de Roque.”

Nessa produção, o sujeito-aluno mantém as características das personagens: “Dom Quixote foi vestido de cavaleiro e Sancho Pança fico invergonado.” Notamos, aqui, a presença da análise das características físicas, Dom Quixote vestindo armadura (“vestido de cavaleiro”) e Sancho Pança trajando vestes comuns, então envergonhado do amigo.

Há um elemento forte da obra, o dragão da imaginação de Dom Quixote (referência à passagem da batalha contra os moinhos de vento). O sujeito-autor, ao inserir uma situação no contexto formulado (dragão de quatro cabeças entra durante o show de Rock de Dom Quixote), não se perde na narrativa, retomando a primeira situação (show de Rock) após a conclusão da batalha contra o dragão, com coesão e coerência, características necessárias para o sujeito ocupar a posição de autor, conforme vemos no encerramento do texto: “E venceu o dragão de quatro cabesa e eles terminaram o xou de Roque”.

Análise de A história de Amor de Dom Quixote, por M.E.G.



“Dom Quixote quando ele era criança ele sonhava muito mais como ele achava que era uma coisa boba e aquilo quando mais passava o tempo ele era mais sonhador ainda mais um dia ele contou para a mãe na época ele tinha “14 anos” a mãe falou – para com isso e o Dom Quixote ficou assustado e parou com isso e começou a namorar uma mulher chamada Dulcineia a tres anos e se casou e foi feliz e nunca mais sonhava mais.

Até um certo dia e começou a sonhar com aquela historia tudo de novo e contou para Dulcineia e ela aceitou tudo de boa.”

Nessa produção, a personagem principal enfatiza as características de Dom Quixote sonhador; Dulcineia faz parte da narrativa e há a criação de uma nova personagem, a saber, a mãe de Dom Quixote.

O sujeito-autor marca nessa narrativa sua concepção de Amor, aceitar o outro como é (“Até um certo dia e começou a sonhar com aquela historia tudo de novo e contou para Dulcineia e ela aceitou tudo de boa”), Dulcineia aceita Dom Quixote com seus sonhos e sua imaginação fértil.

Consideramos importante ressaltar o papel de nossa mediação para esta produção: o sujeito, na primeira tentativa de cumprir com a proposta de criar seu texto, trazendo a personagem principal para os dias atuais, fez um resumo das informações contidas nos diversos cartazes espalhados pela sala sobre a obra e o autor, ou seja, realizou uma atividade de cópia e não de criação, embora tenha apresentado uma escrita muito coesa, porém não cumpriu o proposto de criar uma história nova. Ao ser questionado sobre sua produção, ele a refez e apresentou uma história sem título. Novamente, ao ser questionado sobre a ausência do título, devido à sua pressa, naquele momento, sugeriu que seguisse com o título anterior “A guerra de Dom Quixote”. Pela terceira vez, nós o questionamos sobre a relação de sentido entre o título e a narrativa criada, e ele percebeu a incoerência entre o título e o texto que havia escrito. A partir de nossa intervenção, ele modificou o título, deixando-o coerente com o texto, conforme podemos observar.

Com essa orientação e supervisão, o sujeito-aluno foi capaz de ocupar a posição discursiva de autor, ao criar uma nova história e estabelecer uma relação de coerência entre título e as partes do texto. Essas e as demais produções estão presentes no livro *O (en)canto do sonho louco de Dom Quixote e suas múltiplas possibilidades* – adaptações da obra Dom Quixote, de Miguel de Cervantes pelos alunos do 3º ano B, organizado por Mariana Morales da Silva e Gabriela Paula Branco do Santos (FFCLRP-USP). Esse livro constitui-se em um rico material de estudo e análise das produções dos alunos e de uma prática pedagógica consistente e significativa, fundamentada teoricamente pelas disciplinas do curso de graduação, conforme explicamos.

Considerações finais

O projeto que envolve a prática aqui apresentada, norteado por fundamentos estudados no curso de Pedagogia, FFCLRP-USP, é um exemplo de material de construção da identidade docente, como sujeito que ocupa a posição de sujeito responsável por suas práticas, possibilitando ao professor o desprendimento do Livro Didático, retomando este último material à sua função de origem, como material de apoio e não como único objeto de estudo, em sala de aula. Como prática consistente fundamentada, também permite uma

prática pedagógica segura. Não temos aqui a pretensão de dizê-la livre de cobranças, sejam elas da coordenação, da direção, sejam de familiares dos alunos ou até de ferramentas avaliativas internas e externas, tais como as provas que o governo determina que sejam aplicadas; todavia, construir um projeto, fundamentado teoricamente, fornece uma segurança ao professor para defender sua prática perante os diferentes grupos da escola e da sociedade.

Além disso, caminhando além das possibilidades de leitura propostas por vários livros didáticos, esse projeto permitiu aos alunos exercerem gestos de interpretação não previstos e, a partir disso, eles ocuparam a posição discursiva de autor, trabalho que, a nosso ver, as escolas devem considerar para formar leitores e autores.

Esse trabalho demonstra que, mesmo em pouco tempo, a leitura com base na teoria discursiva e na semiótica pode ser aplicada no estudo de um clássico literário com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, a fim de lhes possibilitar uma visão ampla sobre um tema, como Dom Quixote, sem que, com isso, o professor deixe de trabalhar conteúdos previstos para o segmento escolar, como muitos temem.

Referências

ANGELI, José. *Dom Quixote*/ Miguel de Cervantes. Adaptação de José Angeli; ilustrações: Clarisa Ballario. São Paulo: Scipione, 1999 – Série Reencontro Infantil.

BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

BORGES, J. *Dom Quixote em cordel* – adaptação da obra de Miguel de Cervantes / texto de J. Borges; ilustrações de Jô Oliveira. Brasília: Entrelivros, 2005.

BRAGATTO FILHO, P. *Pela leitura literária na escola de 1º grau*. São Paulo: Ática, 1995.

CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COELHO, N. N. Dom Quixote: meu primeiro amor livresco. In: *Revista do professor – Carta Fundamental*. Junho/julho de 2010, n. 19, p.60-61.

GREIMAS, A.J. Os atuantes, os atores e as figuras. In: CHABROL, C. (org.) *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, p.179-198, 1977.

ORLANDI, E.P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

ORLANDI, E.P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, R.J. Vozes, 1996.

PACÍFICO, S.M.R. *Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer*. 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 2002.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

RODRIGUES, E. S. S., PACÍFICO, S. M. R. Investigação sobre autoria em textos produzidos por alunos de 4ª série do Ensino Fundamental. In: *Leitura e Escrita: no caminho das linguagens*. Ribeirão Preto – SP: Editora Alfabeta, 2007.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. 8ª edição, São Paulo: Cortez, 1995/2006.